

Jornal da



**SBP de PA**  
Sociedade BRASILEIRA de  
Psicanálise de Porto Alegre

# Brasileira

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V. 23 nº 2 Janeiro de 2021



# ADIÇÕES



## Adições

O segundo semestre deste ano inédito em nossas vidas está sendo uma descoberta a cada dia. Descobertas significam aprendizados. Esse legado só nos enriquece como pessoas à medida que, com humildade, reconhecemos não saber quase nada diante do universo do conhecimento.

Estamos lançando o terceiro Jornal da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto

Alegre: *Adições*. É um privilégio e um enorme prazer constatar que, diante de tantas paralisações à nossa volta, conseguimos continuar com nossas atividades previstas.

A adição está presente no nosso dia a dia. O termo adição vem da matemática e significa somar, aumentar, acrescentar. Inicialmente, a noção que tínhamos se referia às condutas de alto consumo de substâncias tóxicas como álcool e drogas. Mais tarde, associou-se a outras manifestações patológicas como anorexia, obesidade, vício em jogos, sexo compulsivo, exercícios físicos extenuantes e, também, a um uso frenético da internet.

Em 1897, na carta 79, p. 291, Freud escreve que um dos primeiros atos infantis é a masturbação, denominado de "vício primordial". As posteriores adições que ocorrem na vida de um adolescente ou adulto seriam um substituto da masturbação infantil. Em decorrência de falhas na constituição de seu psiquismo, esses indivíduos não tiveram sua libido totalmente evoluída para atingir um pleno gozo fálico, maduro. Freud questionava, na época: "um vício desta espécie é curável ou a análise e a psicoterapia deveria dar uma parada?" (p. 292).

Detectamos, também, que muitos adictos não aceitam o tratamento psicanalítico porque não reconhecem que é principalmente o inconsciente que comanda suas ações, costumando dizer: "É só eu querer que paro de beber". Hoje nos perguntamos: Em plena pandemia, os casos de adições estão mais evidentes? De que forma a psicanálise pode ajudar o adicto?

Tudo que é em excesso, consideramos como prejudicial, seja alimento, sexo, trabalho, jogo, bebida, até mesmo leitura. Adição pode ser entendida na linha da compulsão à repetição, em função da pulsão de morte desgarrada da pulsão de vida.

Atualmente, mais uma adição pode ser observada por meio da mídia, das redes sociais e nos consultórios, que é um comportamento extremamente polarizado de alguns fanáticos extremistas. São pessoas que, sem crítica, precisam discutir, brigar e até ofender o outro por ter um posicionamento político/filosófico diferente do seu. Quando não conseguem seu intento, passam a ter palpitações e outros sinais de ansiedade semelhantes a um infarto.

Enfim, contamos, neste Jornal, com as palavras da presidente Ane Marlise Port Rodrigues e com vários textos de colegas que certamente irão nos fazer pensar e enriquecer nossa visão sobre adições.

Encerro este editorial com um agradecimento especial aos colegas da Comissão, Susana Magalhães Beck e Roberto Ossig de Vasconcelos, bem como à Micaela Wünsch e à Clarice da Luz Rodrigues pelo valioso trabalho que realizaram para a concretização desta edição.

**Rosa Beatriz Santoro Squeff**

*Editora e Diretora de Comunicação*

## EXPEDIENTE

### Editora:

Rosa Beatriz Santoro Squeff

### Conselho Editorial:

Roberto Ossig de Vasconcelos

Susana Magalhães Beck

### Assistente Editorial:

Clarice da Luz Rodrigues

### Revisão de português:

Débora Jael Rodrigues

### Diagramação:

Marcelo Teixeira

### Capa:

Micaela Feijó Wünsch

### Secretária:

Daniela Bonn

**Tiragem:** 250 exemplares

## DIRETORIA

### Presidente:

Ane Marlise Port Rodrigues

### Secretário:

Lores Pedro Meller

### Tesoureira:

Silvia Stifelman Katz

### Diretora Científica:

Christiane Vecchi da Paixão

### Diretora de Comunicação:

Rosa Beatriz Santoro Squeff

### Diretora de Relações com a Comunidade:

Caroline Milman

### Diretora do Centro de Atendimento

### Psicanalítico (CAP):

Astrid E. Müller Ribeiro

### Diretora de Divulgação:

Tamara Barcellos Jansen Ferreira

## INSTITUTO DE PSICANÁLISE

### Diretora:

Silvia Brandão Skowronsky

### Secretária:

Lísia Coelho Leite

### Coordenadora da Comissão de Seminários:

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

### Coordenadora da Comissão de Formação:

Laura Ward da Rosa

### Coordenador da Comissão de Formação

### em Psicanálise da Infância e Adolescência:

César Augusto Antunes

### Associação de Membros do Instituto:

Thércio Andreatta Brasil

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça Dr. Maurício Cardoso, 07

CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – Brasil

Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857

www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

# Palavras da presidente

A temática das adições perpassa o ser humano em diferentes culturas desde tempos remotos e em qualquer período de nossa história. Na Antiguidade, além do uso medicinal e religioso, havia o uso recreativo de drogas como ópio e cannabis. O comércio internacional dessas substâncias foi verificado em 1000 a.C. e frascos na forma de cápsulas de papoula foram descobertos já em 1600 a.C. Divindades gregas como Hipnos – deus do sono – e Tântos – o seu irmão gêmeo, o deus da morte – eram representadas com coroas ou ramos de papoula dos quais se extraía o ópio. Ingerido como sonífero, em dose excessiva, levava à morte, sendo bastante utilizado para suicídios (Philip Matyszak, Revista BBC News Brasil, outubro 2019).

Portanto, o uso de substâncias ou a drogadição são fenômenos que sempre estiveram presentes na vida dos seres humanos. No entanto, é constatado um aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas em períodos de muita ansiedade, medo da morte, lutos e incertezas, como o vivido atualmente na pandemia da COVID-19. Trata-se de uma pandemia sem precedentes, pois vivemos em um mundo globalizado, o que leva ao exponencial contágio de um vírus completamente desconhecido. Ainda que melhor estudado, a COVID-19 tem apresentações variadas e não desenvolve uma imunidade tranquilizadora nas pessoas que já a contraíram (parece proteger por menos de seis meses). Não se sabe quando a vacina chegará e qual será seu grau de eficácia, de confiabilidade e seus efeitos colaterais. Esse não saber e, simultaneamente, o saber da morte (mais de 200 mil mortes no Brasil até o momento) tornam-se, para muitos, insuportáveis, principalmente para estruturas psíquicas que talvez já viessem fragilizadas há mais tempo.

Nascemos como espécie dependente do outro desde sempre. A partir desses vínculos primitivos, vamos nos constituindo como sujeitos e seres da cultura. Em casos de traumas precoces e déficits impactantes advindos do ambiente cuidador, objetos substitutos poderão ser acionados. Frequentemente, esses substitutos, calmantes do sofrimento psíquico, são buscados numa substância química que, de alguma forma, anestesia a dor da alma, trazendo uma sensação de escape, leveza ou felicidade. Configura-se em um objeto de satisfação sempre à mão, indefinidamente renovável, que permite escapar do confronto com o medo, a angústia, a falta e os limites próprios e dos outros. A substância



usada estaria no lugar de um objeto pleno, que tudo satisfaz e acalma.

Apesar de ser universal o uso de substâncias lícitas e ilícitas, o modo como cada pessoa as utiliza é absolutamente singular. Algumas se tornam dependentes e outras não, o que sempre remeterá à constituição psíquica, à subjetividade em suas singularidades e ao contexto vivido.

Indagar-se sobre o mal-estar que afeta todo ser humano é também indagar-se sobre nossa inserção na cultura. Como aponta Freud (1930), a civilização impõe uma renúncia pulsional tanto à sexualidade quanto à agressividade. Também faz exigências quanto ao reconhecimento do outro e de sua alteridade. Coloca-nos no desafio de lidar com a falta e a incompletude desde nosso nascimento até nossa morte. As belas criações da cultura como a arte, a ciência e a convivência que gera os laços sociais podem ser colocadas como insuficientes para lidar com o mal-estar do viver. Muitos procuram na religião o conforto para suas angústias e tristezas. Percebe-se que a droga encontra tanto mais espaço de uso quanto maior for a dificuldade de conviver com a dor do que falta, seja no âmbito que for. Nossas mazelas sócio-políticas, com a corrupção, a desigualdade, o racismo, a violência à diversidade sexual e de gênero também são fontes de intenso sofrimento.

Nessa pandemia, revelou-se mais uma vez a potência da psicanálise e da escuta analítica. A força da palavra falada e ouvida, do encontro com um outro que padece e de um outro que oferece sua escuta profunda. Nossa Brasileira ofereceu essa escuta singular também em seus Projetos Solidários I e II, levando-nos mais para a comunidade em 2020.

A Formação Analítica seguiu com muita força e prontidão e a Formação Integrada Infância/

Adolescência/Adultos foi oficializada pela IPA em junho de 2020. A SBPdePA tornou-se a primeira sociedade de psicanálise do Brasil a ter essa formação integrada aprovada pela IPA. Não poderíamos deixar de destacar o papel agregador e pioneiro da colega Ana Rosa C. Trachtenberg para que a área de psicanálise da infância e adolescência e da vincularidade se desenvolvesse em nossa instituição. Somos gratos a ela e ao ativo grupo de colegas que levaram os projetos sonhados à sua realização.

A diretoria agradece à direção do Instituto, com Silvia B. Skowronsky, Laura W. Rosa, Lísia Leite, Patricia M. Goldfeld e César A. Antunes, pela agilidade e competência para criar os seminários *on-line* e manter o trabalho em grupo que cada semestre requer.

Também agradecemos à diretoria da AML, com os colegas Thercio Andreatta Brasil, Carmen P. Nogueira, Luciana Z. Buseti e Camila Reichert, por realizar um belo simpósio e manter-se como fórum de representação dos membros do Instituto.

Nossos agradecimentos à equipe de secretaria pelas contribuições e empenho em seguirmos adiante com inovações e resoluções tecnológicas, apesar dos desafios e restrições desse período. A sede permaneceu fechada para atividades grupais internas e para o público em função do distanciamento social recomendado.

Congratulamo-nos com as colegas Aline Pinto da Silva (Coordenadora da Área de Crianças e Adolescentes), Beatriz S. Behs e Eliane G. F. Nogueira (Conselho Fiscal) que compõem a nova diretoria da FEPAL eleita para 2021-2022 (presidente Andrés Gaitán González – México). Sucesso às colegas e à FEPAL!

É com orgulho que mencionamos as representações dos colegas: Ana Rosa C. Trachtenberg (Comitê de Educação da IPA e Comitê de Nomações da IPA); Vera P. H. Mello (Comitê de Família e Casal Latino-americano da IPA – COFAP); Cynara C. Kopittke (Comitê de Família e Casal da FEPAL); Renata Vives (Membro de Enlace COWAP); Laura W. Rosa (Comissão de Formação e Transmissão de Psicanálise FEPAL); Helena A. Surreaux (Diretoria Científica Suplente, gestão 2019/2020 FEPAL); Celso Halperin (Diretor Comissão Regional da BiViPsi – FEPAL 2019/2020). Também agradecemos à colega Mayra D. Lorenzoni por sua participação junto à FEBRAPSI, como Secretária Geral, na transição de 2019 para 2020.

Contamos ainda com as representações de membros do Instituto: Renata Manica (Adjunta de Publicações da Diretoria da OCAL, gestão 2019/2020); Karla Aquino (Representante junto à ABC); Renata Camargo (Representante junto à OCAL); Giuliana Chiapin (Representante junto à IPSO); Luciana S.

Schmal (Comissão Regional da BiViPsi – FEPAL). Obrigada pela representação!

Foi de grande importância que os núcleos e os grupos de estudos da SBPdePA mantiveram-se ativos nesse período de incertezas!

Saudamos a criação do novo Grupo de Estudos Colonialismo, Racismo e Desigualdade Social coordenado por Janine Severo, Sandra Fagundes e Leonardo Francischelli. Também foi criada uma força-tarefa para o estudo das condições de acesso à Formação Analítica em nossa Sociedade, enfocando a situação de negros e negras, com Astrid M. Ribeiro, Beatriz S. Behs, César A. Antunes, Ignácio Paim Filho, Lisiane M. Cervo, Vera Hartmann e coordenado por Eliane G. F. Nogueira.

Seguiram em pleno funcionamento o Núcleo de Vínculos (coord. Rosa Avritchir), o Núcleo da Infância e Adolescência (coord. Aline Pinto da Silva), e os Grupos de Estudos Pró-Criar (coord. Renata Vives), Transgeracionalidade (coord. Ana Rosa Trachtenberg), Intuição Psicanalítica (coord. Renato Trachtenberg), Desenvolvimento de Bebês (coord. Ester Litvin), Espaço Potencial (coord. Paulo Picarelli e Lisiane M. Cervo) e Seminário Clínico (coord. Newton Aronis). A todos, nosso muito obrigada pela dedicação!

Um agradecimento especial cabe ao querido, criativo, divertido, inspirado e eficiente grupo da diretoria e às comissões formadas para dar conta de nossa tarefa de conduzir a nossa Brasileira em 2020-2021. Lores P. Meller, Sílvia S. Katz, Astrid M. Ribeiro, Caroline Milman, Christiane V. Paixão, Rosa S. Squeff e Tamara Ferreira e as comissões de dedicados colegas, a SBPdePA agradece muito a todos vocês pela parceria.

Lamentamos profundamente a perda, em 2020, dos colegas Nelson Langer dos Santos, José Luiz Freda Petrucci e Simone S. Donicht. Momentos de muita tristeza para seus familiares e para a nossa Brasileira! Foram-se queridos colegas que muito contribuíram para nossa Sociedade. Também lamentamos a morte de Janine Puget, psicanalista admirável e muito próxima de nossa casa por meio do Núcleo de Vínculos.

Fica a pergunta de como encontraremos o ano de 2021? E como 2021 nos encontrará?

Esperamos que nos encontre capazes de lidar com nossas faltas e perdas e, ao mesmo tempo, mantendo a confiança e esperança de que o Brasil encontre dias melhores, que nossos projetos e laços nos abracem e à nossa Brasileira! Sigamos com os abraços em todos os momentos de alegria e de tristeza!

**Ane Marlise Port Rodrigues**  
Presidente da SBPdePA – Gestão 2020-2021

# Corpo escravo

**Cynara Cezar Kopittke**

Membro titular com função didática da SBPdePA. Membro do Núcleo de Vínculos da SBPdePA.



O termo adição vem do latim *addictus/addico/ad-dicere*: tornado escravo por insolvência ou dívida; atribuir/dar uma pessoa a outra em escravidão (Koehler, 1960). Trata-se de uma dívida que aliena o corpo do devedor. Como pensar essa escravidão do corpo desde a Psicanálise? Algumas perspectivas psicanalíticas conduzem a uma resposta comum: o corpo fica escravizado às demandas pulsionais por uma insuficiência da palavra; o adito age compulsivamente por não dispor do recurso contentor do pensamento. A descarga pulsional, numa condição de gozo direto, não alcança o *status* de prazer.

Dentre as manifestações aditivas, consideradas em sua conduta compulsiva com caráter de dependência, encontram-se as toxicomanias, os transtornos alimentares, o vício a jogos, à atividade física, ao trabalho, ao sexo, etc. A expressão adição aparece pela primeira vez na literatura psicanalítica num artigo de E. Glover, em 1932, como pertencente aos estados limites. Mais adiante, em 1945, O. Fenichel retoma o termo em artigo sobre perversões e neuroses impulsivas, e Joyce McDougall usa o termo adição para referir-se ao adicto ao sexo no livro *Em defesa de uma certa anormalidade*, de 1978. McDougall propõe pensar-se numa economia psíquica da adição caracterizada por escravidão a quantidades, condição em que os conflitos não se resolvem pela via psíquica ou simbólica, mas por

uma economia pulsional que se volta para o corpo como meio de livrar-se dos afetos. A Escola de Psicossomática de Paris aproxima as adições aos processos de somatização, nos quais prevalece um pensamento operatório com insuficiente recurso do pré-consciente, colocando o corpo em linha direta com os sofrimentos sem palavra (Pirlot, 2014).

David Maldavsky (1992) pensa as adições entre as patologias do desvalimento, juntamente com quadros como os transtornos alimentares e as afecções psicossomáticas, os quais apresentam em comum pouca ou nenhuma atividade fantasmática e um funcionamento mental operatório que se manifesta por meio de um discurso descritivo, frequentemente numérico, que não expressa subjetividade. Enfatiza, na problemática das adições, uma insuficiência da estrutura do pré-consciente que se manifesta em precariedade de recursos simbólicos para pensar as emoções; a carência de palavra como expressão da subjetividade torna o corpo porta-voz dum sentir sem sujeito, em que a emoção se confunde com a sensação.

Desde a teoria do desvalimento proposta por Maldavsky, o déficit representacional presente nos quadros aditivos decorre de fixações precoces, ao nível do ego real primitivo, que resultarão em falhas na constituição da consciência originária, definida como neuronal ou sensorial,

a única forma de consciência existente no início da vida. Essa consciência inicial, que segundo Freud (1950[1895]) representa o lado subjetivo de todo acontecer psíquico, resulta da captação e do registro dos afetos, primeira manifestação da vida pulsional no psiquismo. O registro do matiz afetivo, porém, depende de que a consciência não seja assolada por afetos demasiado intensos, pois ela só capta diferenças e qualidades.

Para que um sentimento chegue à consciência como expressão subjetiva, é necessário sentir-se sentido, o que decorre do encontro com a vitalidade pulsional e anímica com o outro primordial. Se o interjogo pulsional entre a mãe e o bebê for bem sucedido, mais do que saciar a fome, aliviar a dor, ou conciliar o sono, a criança poderá qualificar essas vivências. Esse nível primário de consciência é a fonte do sentimento de si que fundamenta a subjetividade. O paradoxal está em que a subjetividade, ou seja, aquilo que cada um tem de mais próprio, se construa no vínculo com o outro, por meio do outro (Kopittke, 2008).

Portanto, a função de filtro promovida pelo ambiente cuidador é fundamental para que o bebê registre seus estados afetivos, o que confere significatividade às suas impressões sensoriais (Neves & Hasson, 1994). O filtro materno, que protege o psiquismo ainda incipiente de excessos traumáticos, é fundamental à constituição da barreira de proteção antiestímulos

(Freud, 1920, p. 27) que se constitui por introjeção da empatia materna. Se a função de filtro falhar, o mecanismo introjetivo fundamental à constituição do aparelho psíquico pode mudar de signo e tornar-se patógeno; assim, em vez da harmonização das forças pulsionais, condição para a conquista de um bem-estar de base, pode ocorrer uma hemorragia libidinal que, no caso das adições, pode ser compensada pelo mecanismo de incorporação.

Em quadros como as adições, os vínculos familiares costumam falhar em sua função de filtro das exigências pulsionais e da realidade, expondo o bebê a invasões por processos tóxicos e traumáticos (Kopittke, 2008). Esses estados estão relacionados a uma estase da libido que, em vez de se ligar à sensorialidade, investe nos órgãos ou funções corporais. No caso específico das adições, ocorre o mecanismo de incorporação (Maldavsky, 1996), interferindo no registro do matiz afetivo e, conseqüentemente, no processo de subjetivação. A ausência de um sujeito para sentir pode levar à compulsão por um sentir sem sujeito, presente nas adições.

Freud (1905) nos indica o caminho de regressão do psiquismo ao corpo ao referir que os caminhos de ligação entre outras funções e a sexualidade também podem ser percorridos no sentido inverso; exemplifica com a zona oral que concentra a função de alimentação e o prazer libidinal. Essa mesma conexão faz com que a perturbação da satisfação erógena resulte em transtornos alimentares, o que vale para outras funções de autoconservação.

Uma boa parte da sintomatologia das neuroses, que fiz remontar aos processos sexuais, é expressa por distúrbios de outras funções somáticas,

não sexuais, e esta circunstância que até agora foi ininteligível torna-se menos enigmática se ela for apenas o equivalente das influências que provocam a produção da excitação sexual (Freud, 1905, p. 212).

A perturbação da satisfação da erogeneidade oral, por exemplo, potencialmente geradora de falhas na constituição do autoerotismo, pode levar à substituição da vivência alucinatória do desejo, importante conquista de autonomia do bebê ante a ausência da mãe. No caso do toxicômano, a carência do recurso alucinatório é suprida pela ingestão de substâncias tóxicas que promovem artificialmente a experiência de alucinação.

Outra hipótese para as condutas aditivas está no campo das transmissões intergeracionais de traumas. Para Maldavsky (1996, p. 63), a transmissão de um trauma se baseia numa hipertrofia sensual (volúpia) coincidente com uma falta de investimento terno nos vínculos familiares. Tem a marca do trabalho do negativo (Green, 1993) com predomínio da desmentida e da desestimação do afeto. A matéria psíquica transmitida à geração seguinte sofre o esvaziamento próprio do traumático, não sendo passível de tramitação simbólica. O traumático se torna tóxico, podendo se manifestar, além das adições, também em transtornos alimentares e afecções psicossomáticas. Os vínculos familiares presentes nessas patologias caracterizam-se por uma indiscriminação entre os sujeitos e a anulação da diferença geracional que conduzem à inversão das funções parentais essenciais ao desenvolvimento da subjetividade do filho. A criança, ao invés de ser empaticamente protegida dos excessos de estímulos externos ou internos, é tomada como couraça antiestímulo e como lugar de descarga dos

excessos não processados por seus pais, funcionando como um filtro de seus resíduos tóxicos.

Diante de patologias marcadas por vazios representacionais e empobrecimento simbólico, como é o caso das adições, a técnica clássica para a qual fomos treinados, pensada e desenvolvida para o tratamento de pacientes neuróticos torna-se insuficiente ou mesmo imprópria como instrumento de mudança. Os recursos técnicos da atenção flutuante e da interpretação se tornam inoperantes, porque não se trata de trabalhar conteúdos reprimidos e fantasias inconscientes, mas de construir subjetividade via representação simbólica e consciência afetiva, objetivo que demanda uma participação mais ativa do analista. O silêncio, nesses casos, em vez de propiciar a associação livre, joga o paciente num vazio vincular, numa espécie de desamparo que lhe é traumático. A técnica adequada implica um compromisso da subjetividade do terapeuta, o qual deve disponibilizar sua capacidade de fantasiar e de sentir com o próprio corpo aquilo que esse tipo de paciente não é capaz de sentir. A mente do analista deve dar figurabilidade a elementos que a mente do paciente não alcança dar, cumprindo certas funções como *rêverie* (Bion, 2004), "porta-palavras" (Aulagnier, 1993) e *holding* (Winnicott, 1994) que falharam nos vínculos primários, sendo necessário um contato empático que permita que a mente do terapeuta possa pensar o que o paciente ainda não é capaz de pensar. É fundamental que façamos um trabalho de conexão entre afetos e representações, num exercício de mentalização que retire o corpo da posição de objeto da pulsão e promova pensamentos e capacidade de simbolização.

# Escravos da quantidade – A propósito de uma escuta analítica

**Denise Zimpek**

Membro titular da SBPdePA.



A adição tem sido entendida como uma falha no processo de sentir e de pensar, uma verdadeira incapacidade de responder com nuances afetivas tanto aos estímulos externos como às incitações pulsionais, que são percebidos como golpes.

Segundo Maldivsky (1992), a conduta aditiva tem certa semelhança com a depressão e com a melancolia no que tange ao desejo masoquista de autoaniquilação, que só pode ser freado com grande custo. A diferença, no entanto, está no uso da desmentida. Enquanto na depressão o outro é colocado no lugar de sombra pela qual se sacrifica, na melancolia o objeto perdido é introjetado como sombra no Eu. Já nas adições, a desmentida se faz no uso da substância que é oferecida para a incorporação, e o ato incorporativo contém um compromisso entre o autoerotismo e a consumação do desejo suicida. Dessa forma, o mecanismo introjetivo das depressões e da melancolia foi substituído pela incorporação orgânica, implicando a perda da qualificação anímica.

A droga e o comportamento aditivo fazem o desejo entrar em curto-circuito, rebaixando-o à condição de necessidade: um pensamento desejante fica reduzido à passagem ao ato que suscita a necessidade, sem encontrar as vias de sua expressão psíquica. No caráter autoerótico da atividade aditiva, a libido não obedece ao chamado da autoconservação

pelo qual não é investido significativamente o objeto introduzido no próprio corpo, ficando paralisado o investimento no mundo interior e nas marcas mnêmicas.

Recorrer à incorporação como forma substituta implica apelar para a criação de um “nada” em lugar da qualificação, da consciência, ou seja, implica apelar à abolição do sentimento de si. A conduta aditiva pode remeter, pelo menos em parte, aos “procedimentos autocalmantes” e novas necessidades entre os sujeitos, o que pode qualificá-los como “escravos da quantidade”.

A escuta analítica sofre as decorrências de uma fala pobre de simbolismo. As sessões com esses pacientes oscilam entre a catarse e um ritmo monótono, um discurso cínico e sobrecarregado de números, indicando que o anímico funciona à base das quantidades. O paradoxo aparece na análise desses pacientes quando rompem o ritmo monótono, com *actings* graves.

Na análise de C., deparei-me com vários sobressaltos, sendo que, num deles – uma overdose –, escondia há alguns meses a recaída na cocaína. Os períodos de abstinência da droga eram substituídos por madrugadas de jogos eletrônicos ou exercícios extenuantes. O sinistro passou a se fazer presente nessa análise, promovendo sustos e surpresas, não só pelo uso da droga, mas por ter se tornado um tipo de comunicação que somente *a posteriori* adquiriria sentido.

Entre outros, um episódio “sinistro” aconteceu após uma sessão com a família. Fui tomada por um medo de ser assaltada quando não reconheci quem batia à porta, e só abri ao me informar que talvez fosse algum membro da família. No entanto, me deparei com C. usando casaco e boné, coisas que nunca vestia na sessão. Queria combinar um novo horário para a próxima semana. O susto e o embaraço desse momento tiveram grande impacto, fazendo-me pensar que deveria haver algum tipo de comunicação nas fortes impressões, verdadeiros fenômenos sinistros que essa análise provocava.

O fato de C. ser adotivo promovia o fenômeno do duplo que Freud (1919) explora no texto *O estranho?* Estaria identificado com os pais imaginários (bandidos) que o abandonaram? Ou estaríamos simplesmente diante do irrepresentável, da expressão de excessos de angústias primitivas que ainda não estavam ligadas a nenhuma dessas representações? Algo da série do vazio, dos resíduos, do buraco, implicados na adição à cocaína?

Berenstein (2004) sugere chamar de irrepresentável uma série de fatos mentais vinculados com o *devenir*, cuja característica é a descontinuidade com respeito à infância e não possuem inscrição, ou estão à espera dela, não existindo sob o império da representação. Do ponto de vista da teoria vincular, fenômenos como esse são definidos como acontecimentos e dizem respeito a fatos que

acontecem de súbito, produzem surpresa quebrando a vivência de continuidade.

Berenstein (2001) entende que a sensação de estar à mercê de algo alheio, estranho, exterior, costuma ser rápida e defensivamente incluída na vivência do previsível e habitual, e a racionalidade tentará um sentido encobridor, ao não tolerar que esse sentimento deixe o ego em suspenso.

O acontecimento é imprevisível, não cabe no saber senão no que vai suceder, no devenir; não é da ordem do ser, é irrepresentável.

Autores como Berenstein, Puges e Moreno descrevem as diferenças entre a lógica do "um" e a lógica do "dois", sendo a lógica do "um" regida pelas leis das representações inconscientes, criando expectativas a partir dos registros

da história infantil, enquanto a lógica do "dois" será relativa àquilo que é radicalmente heterogêneo do outro, excedendo a capacidade de prever e predizer o que se apresenta no encontro.

Moreno (2014) descreve que os fenômenos da lógica do "dois" são regidos por um sistema de conexão, implicando que o outro do vínculo apresentará elementos que tendem a ser inadmissíveis, excluídos e não facilmente associáveis. Com isso, a conexão se estabelecerá a partir daquilo que é radicalmente "alheio" no outro. A conexão é capaz de pôr em cena elementos especificamente excluídos, o inadmissível do outro, gerando mal-estar pela desestabilização.

A adoção, segundo Levinzon (2018), implica uma separação traumática para a criança e o

desenvolvimento de um falso *self* para agradar os pais, pelo medo do abandono. Os pais também precisam elaborar o sentimento de castração pela infertilidade e aceitar que esse filho não será uma cópia sua, nem herdará seus traços biológicos ou de caráter.

Por meio da conexão, tornou-se possível entrar em contato com as partes do Eu cindidas, tanto na forma da manutenção da droga que mantinha o ego ideal arrogante, voraz e assustador, como outras de um Eu desamparado, apático, impedido de integração. As angústias nos encontros familiares que eram ofuscadas pelas queixas e discussões começaram adquirir alguma figurabilidade a partir daquela figura desconhecida e desconcertante de quem sente medo, possibilitando uma nova escuta.

## Carta Aberta V

### Negros e negras – desafios para tomar posse do território psicanalítico – o ser analista (Por ações reparatórias)

**Ignácio A. Paim Filho**

*Psicanalista, negro, membro titular da SBPdePA.*



*Tudo compreender não é tudo perdoar. A psicanálise nos ensina não apenas o que podemos suportar, mas também o que devemos evitar. Ela nos diz o que deve ser eliminado. A tolerância com o mal não é de maneira alguma um corolário do conhecimento (Freud, 1926, p. 122).*

*Até que o leão aprenda a falar a história será contada pelo caçador (provérbio africano).*

Este ensaio/carta segue com a pretensão de problematizar a questão do racismo e seus desenvolvimentos na ausência/presença de negros e negras em nossos institutos de formação, bem como nas sociedades psicanalíticas. *Tudo compreender não é tudo perdoar*, mas, sim, possibilidade de trabalhar por modificações. Esta meta se fará relevante caso consiga ir além do problematizar e sinalize caminhos para eliminar as

fronteiras que nos mantêm à margem do território psicanalítico, o ser analista.

A fala vibrante do leão vem reescrevendo a história passada e brada por escrever a história presente e a futura. O epistemicídio – a destruição do conhecimento – do legado do povo negro pelo brancocentrismo com sua herança colonial em plena vigência encontra-se em processo de desconstrução, o *pretoguês* de Lélia Gonzalez

(1988) se torna proeminente. Nesse processo, exigem-se aberturas nas muralhas narcísicas erigidas pela branquitude no continente psicanalítico: enfrentamentos para tomar posse desse território se fazem vibrantes. Tempo de pensar em ações reparatórias.

Como sabemos, ou deveríamos saber, o racismo levou à escravidão do povo negro africano; e a escravidão, com sua abolição sem reparação, levou ao racismo

estrutural que compõe a organização social brasileira. Racismo que implica nas normas – políticas, econômicas e subjetivas – que regem nosso peculiar jeito de ser, na vida privada e pública. Contexto determinante na hierarquia de classes, estratificações, que têm no branco o seu padrão de excelência. Invenção de um território marginal, cárcere para negros e negras, governado pelo marcador social da exclusão dos bens que o capital fomenta – aliança intrínseca com a pobreza, que leva à servidão involuntária. Servidão que tem no *masoquismo narcotizante*, decorrente da pulsão de apoderação oriundo do colonizador, sua gênese psíquica. Essa ideologia sádica está a serviço de quem? Do racismo da vida cotidiana, com suas prerrogativas superlativas, que habita o território blindado daqueles que desenraizaram e conferiram um *status* de subhumano ao povo africano e sua descendência no Novo Mundo, visando explorar sua força de trabalho, verdadeiro objeto de carga. Panorama que dá sustentação à verdade histórica decorrente da verdade material abusiva do racismo: ser racista é o normal; não ser significa um intenso trabalho para sair dessa perversa normalidade assentada na condição universal da brancura.

Nesse sentido, a advertência freudiana é um apropriado indicador para o confronto com a barbárie do racismo: *a tolerância com o mal não é de maneira alguma um corolário do conhecimento*. O conhecer, como lugar de poder, e que muitas vezes é utilizado para escravizar, quando investido de um saber ético, é condição de libertação. Quando assim o for, será um corolário para concretizar atitudes antirracistas. Atitudes que a psicanálise e os psicanalistas estão sendo convocados a perpetrar, desde suas casas como

ponto de partida. Ocasão potencial para viabilizar a proposição de G. Kilomba (2008/2019) para reconfigurar a concepção de conhecimento: *Quem sabe? Quem pode saber? Saber o que? E o saber de quem?* Tempo de elaborar ações reparatórias.

Tomando por sinalizador que o racismo nos estrutura como sujeitos pertencentes a uma ordem cultural em sua dupla face, do individual↔coletivo, temos posta a necessidade de inquirir sua presença nas instituições psicanalíticas. Tecerei minhas ideias em torno de dois eixos, duas inexistências – que irromperam em definitivo no campo psicanalítico – as quais ambiciono que produzam inquietantes estranhezas no coletivo branco: a quase absoluta ausência da pauta do racismo nas produções da psicanálise e a ausência de psicanalistas negros e negras, e, por conseguinte o seu pensar em nossas casas. Casas comprometidas, em princípio, com a transmissão e formação em psicanálise num cenário pautado pelo exercício de um livre pensar, tomando por balizador o sofrimento psíquico ao qual o sujeito está assujeitado em sua relação com o outro. Com destaque especial a esse outro, que se comporta como mensageiro da completude, território em que o complexo de castração não se instaurou.

O povo branco com a racialização do povo negro – *racismo é dominação racista* (Gonçalves Filho, 2017) – artifício que vai determinar para este um lugar de segunda linha, excluído do território do acesso ao conhecimento. Cenário com o qual temos uma total intimidade, o não acesso do saber psicanalítico ao universo da negritude, em particular à clínica – o exercício do ofício de analista – como reduto do poderio de uma psicanálise de brancos para brancos. Seria esse contexto que

opera para a inexistência de instituições psicanalíticas, vinculadas à FEBRAPSI no estado de maior contingente de negros e negras, a Bahia? Tempo de propor ações reparatórias.

Seguindo esse roteiro, sou convocado a refletir sobre um dos destinos do racismo estrutural, o racismo institucional. Eis aí nosso ponto nevrálgico. Nossas instituições carregam consigo uma história, quase centenária, de cumplicidade com a segregação racial. O saber psicanalítico entrelaçado com o pacto silencioso e demoníaco do mito da democracia racial se faz agente ativo, não somente passivo, do racismo à brasileira. Arena da cruel cordialidade racista, com sua dissimulação mortífera, o desgarrado da pulsão de morte materializando a tragédia do destino, forjado pelo opressor. Este não falado, não nomeado, o inenarrável do sectarismo secular do racismo entre nós, dá sentido à ominosa afirmação: *o carrasco mata duas vezes, a segunda pelo silêncio* (Wiesel, 1896).

Esse circuito tanático – falência da capacidade de escuta – vai dar fundamentação teórico-clínica para fazer do racismo uma mera questão psicopatológica pelo viés de quem o sofre e raramente pelo viés de quem o executa. Essa proposição, reducionista, faz valer a máxima que propõe: o racismo é um problema singular que remete ao autoconceito dos afro-brasileiros com seus incrementos paranoias e ambivalentes. Se assim o for, temos a psicanálise atrelada ao contrato narcísico da branquitude – supremacia do *Eu-prazer purificado* (Freud, 1915) – que destitui o negro de seu lugar de sujeito de forma coletiva e, ao mesmo tempo, via a desmentida, o faz viver o terror do racismo de forma solitária – o *crime perfeito*, nas palavras de Kabengele Munanga (2017). Tais afirmações precisam,

imperiosamente, ser assumidas e trabalhadas, percurso indispensável para avançar da vergonha, com suas origens narcísicas, para culpa, com suas repercussões melancólicas, e desta para a responsabilidade, com sua implicação no labor do luto, condição necessária para desnaturalizar o racismo e efetivar a nossa contribuição em prol de uma psicanálise empenhada com uma genuína democracia racial. *Afinal a psicanálise nos ensina não apenas o que podemos suportar, mas também o que devemos evitar e, mais, agrega Freud, ela nos diz o que deve ser eliminado*, no nosso caso, o racismo estrutural e seus desdobramentos nas sombrias dobras institucionais. Tempo de concretizar ações reparatórias.

Pensar, elaborar, propor e concretizar ações reparativas no território psicanalítico requer sair de nosso lugar de privilégios, que nossa ciência, oriunda do eurocentrismo, nos propiciou. Seguindo por essas rotas disruptivas como psicanalistas, somos convocados, diante de uma temporalidade traumática, em um processo de significação e ressignificação, a ingressar no universo de negros e negras e no racismo que ele revela. Nesse sentido, é fundamental agregarmos ao quarto pé do tripé da formação analítica – a instituição (Rodrigues et al., 2007) – em seus procedimentos sempre inconclusos: o letramento racial (Damico, 2020). Momento primeiro para uma efetiva abertura, para trazer o branco para o centro das questões que envolvem o racismo, do qual ele é o grande protagonista: torná-lo objeto de investigação. Branco, qual a tua raça? Tempo de criar, recriar e corroborar novas subjetividades.

Letramento racial, expressão cunhada pela antropóloga afro-americana France Winddance Twinw (2006), que consiste em uma reeducação individual sob

uma ótica antirracista. Segundo Lia Schucman (2012), desenvolvendo essa proposição, temos cinco indicadores que perpassam pelo reconhecer e se implicar no processo de validar a herança racista que constitui de forma objetiva e subjetiva o mundo do imperialismo branco. Diante dessa constatação temos: primeiro, a obrigação do assumir a branquitude e as benesses decorrentes dessa racialização; segundo, compreender o racismo como um problema contemporâneo, com uma longa história que segue se perpetuando na vida cotidiana do povo negro; terceiro, que as teses raciais se aprendem em casa, na escola, na universidade (agregaria nas instituições psicanalíticas); quarto, a necessidade de dialogar e tomar posse de uma gramática e vocabulário raciais; e, por fim, o quinto indicador, desenvolver aptidão para revelar os códigos e práticas racistas. Recordemos a linguagem transportar de forma emblemática os preceitos racistas, com suas verdades coloniais e patriarcais. Tempo de por a perspectiva negra em foco.

De posse desse letramento, como um identificador de transformações psíquicas individuais e coletivas, com seus incrementos simbólicos e objetivos, na capacidade analítica de cada um de nós, temos as condições mínimas para ocupar o lugar singular que requer a tarefa de se comprometer com a formação analítica da população negra – o exercício da clínica como lugar de pertinência – em seus três segmentos: análise, supervisão e seminários. As ações reparativas, para se tornarem viáveis, produtivas e geradoras de pluralidades permanentes, demandam tomadas de posições em duas frentes, além da educacional, com suas ressonâncias nos divãs: **política**, legislar de forma clara e precisa os instrumentos ordenadores dessas ações junto à

população negra, estabelecendo como referência a importância de um pensar decolonial visando um contrapoder em relação à consolidação de ideários racistas; e **econômica**, criar meios financeiros que viabilizem o tripé, não como concessão, mas sim com um direito histórico de reparação, que lhes foi negado, desde o desterramento – a diáspora africana. Tempo de expandir a expressão vitalizante: #negritudeocupapsicanalise.

A execução desse projeto exogâmico, em direção ao universo intelectual negro renegado, contempla, por um lado, reparação e, por outro, fomenta uma revitalização do ser analista na “terra brasilis”. Nesse projeto, desenham-se potenciais caminhos pelos quais a psicanálise brasileira possa galgar condições de alavancar a construção das especificidades do nosso pensamento psicanalítico – possibilidades de descolonizar a psicanálise “tropical”. Tempo de racializar a psicanálise.

Finalizando, deixo um recorte do pensar de Gonçalves Filho, de seu texto *A dominação racista* (2017), juntamente com a interrogação: estamos dispostos a trabalhar, com determinação entre história, subjetividade e objetividade, para pagar, sem apagar a dívida que o racismo à brasileira estruturou em nossa Brasileira?

Uma psicanálise que não tenha aprendido a compreender a pulsão, o desejo, e a sexualidade humana, fenômenos eminentemente histórico-subjetivos, serve ao racismo, . . . que sempre abrigou ficções eugenistas. Em contrapartida, uma psicanálise que tenha descoberto a dialética entre história e subjetividade faz um grande serviço . . . para superação do racismo.

*Eu tenho um sonho*, que o dia esperado, desejado e lutado por M. L. King (1963) seja realizado no hoje.

# Diversidade: liberdade e respeito

**Gley P. Costa**

Membro fundador, titular e didata da SBPdePA. Professor da Fundação Universitária Mário Martins. Autor de livros de psicanálise.



O termo *significant other* vem sendo utilizado, principalmente, no Reino Unido e nos Estados Unidos, mas também em outros países para designar o parceiro de uma pessoa em um relacionamento íntimo sem revelar ou presumir nada sobre estado civil, identidade de gênero ou orientação sexual. Seu emprego é tanto coloquial quanto formal em convites de eventos, festas de empresas ou ainda numa correspondência hospitalar, do tipo: *"You may be accompanied for your appointment by a significant other"*.

Temos enfatizado que, em termos de relacionamento afetivo, *"The diversity is the destiny"*, conforme o título do capítulo que escrevemos para o livro *Psychoanalysis, law and society* (editado por Montagna e Harris, New York, Editora Routledge, 2019), tendo como ponto de partida o descolamento de reprodução e sexualidade, particularmente o "prazer sexual" estabelecido pela teoria sexual freudiana. Nessa linha, ao considerar o *significant other*, a sociedade integra na mesma expressão liberdade e respeito em relação à diversidade, pois como assinalou Freud (1905/1972):

a atitude sexual definitiva do indivíduo não se define senão depois da puberdade e é o resultado de numerosos fatores, nem todos ainda conhecidos: alguns são de natureza constitucional, os outros, porém, são acidentais. Sem dúvida, alguns desses fatores podem ter

tal importância que cheguem a influenciar o resultado em seu sentido. Mas, geralmente, a multiplicidade dos fatores determinantes se reflete na variedade das atitudes sexuais manifestas que se expressam nos seres humanos (Nota acrescentada em 1915, p. 146).

Em McDougall (1999), encontramos uma das contribuições psicanalíticas pós-freudianas mais abrangentes sobre a sexualidade humana ao destacar que qualquer que seja o valor que se possa dar às diferentes teorias psicanalíticas, ao final, todas concordam em situar a sexualidade em um universo somato-psíquico criado pelas universais pulsões libidinais a partir dos primeiros contatos do bebê com o corpo da mãe. Isso gera, já em seu nascedouro, uma série de conflitos psíquicos provocados pelo inevitável choque entre os impulsos internos do recém-nascido e as restrições da realidade externa. Por conta disso, a autora enfatiza: "A sexualidade é inerente e inevitavelmente traumática e força o ser humano a um eterno questionamento" (p. 12).

A parte mais importante da contribuição dessa autora é a abordagem que faz da sexualidade arcaica relacionada às descobertas da alteridade e da diferença entre os sexos. De acordo com esse ponto de vista, na fase edípica, nas suas dimensões homo e heterossexual, as crianças se veem diante de múltiplas frustrações e sonhos impossíveis: em particular,

o desejo de pertencer a ambos os sexos e possuir os genitais tanto da mãe quanto do pai. Como resultado dos universais desejos bissexuais, a homossexualidade primária da garotinha inclui seu desejo de possuir sexualmente sua mãe, de penetrar sua vagina, entrar em seu corpo e, algumas vezes, devorá-la, como um meio de posse total do objeto materno e dos seus poderes mágicos num mundo do qual os homens estão excluídos.

Mas as fantasias da menina também incluem o desejo de ser um homem como seu pai, de ter os seus órgãos genitais e, assim, vir a possuir todo o poder e qualidades que ela lhe atribui, fazendo na vida de sua mãe o papel do pai. O menino se imagina parceiro sexual de seu pai, fantasiando incorporar oral ou analmente o pênis paterno para que venha a possuir os seus genitais e seus privilégios, tornando-se, dessa forma, um homem. Mas esse menino também é invadido pela fantasia de tomar o lugar de sua mãe nas relações sexuais e obter um bebezinho do seu pai. Igualmente, ele sonha ser penetrado pelo pai como imagina que a mãe seja e também tem fantasias de penetrar seu pai. Na verdade, existem inumeráveis caminhos potenciais pelos quais essa corrente libidinal bissexual universal pode encontrar expressão e assim ser integrada à organização psicosssexual. O que precisamos ter presente é que,

embora esses impulsos possam dar origem ao sofrimento neu-rótico ou psicótico, eles também podem simples e prontamente se transformar em um fator de enriquecimento psíquico.

Conforme acentua Glocer Fiorini (2015), cabe à psicanálise contemporânea abordar o amplo espectro de subjetividades que não encontram cabida na lógica binária estrita da diferença sexual homologada nos dualismos fálico-castrado e masculino-feminino, lembrando que os enunciados "sou homem" e "sou mulher" não correspondem, necessária e linearmente, aos enunciados "desejo uma mulher" e "desejo um homem". A isso, agregam-se as questões relacionadas às transexualidades e, ainda, às maternidades e paternidades, em particular o "desejo de filho" que, para a autora, ultrapassa o limite da mulher e do homem biológicos.

Por tudo isso, constitui tarefa inarredável de todo psicanalista na atualidade estudar as novas apresentações da sexualidade e da parentalidade, tendo presente que revisar os fundamentos da psicanálise no âmbito desta temática implica debater e questionar os consensos a respeito das diferentes teorizações sobre a diferença sexual, o complexo de Édipo, a inveja do pênis na mulher e o complexo de castração, assim como as concepções de identidade sexual e de gênero. Para tanto, faz-se necessária uma psicanálise aberta a novas reflexões que leve em consideração as mudanças do mundo contemporâneo e que apresente suficiente porosidade e mobilidade de seus limites para possibilitar revisões e trocas com outros campos do saber.

Nessa linha, para finalizar, não podemos deixar de consignar a importância das identificações, do conflito e dos sintomas nas manifestações da sexualidade dos indivíduos para além das homo e heterossexualidades, das vicissitudes do difícil processo de separação-indivuação e, ainda, da genética que, nos últimos anos, tem ampliado o conhecimento sobre esse importante campo das relações humanas. De acordo com tais avanços, em que se destaca o fenômeno da metilação com a formação de epimarcas ancoradas junto aos genes responsáveis



pela sensibilidade à testosterona, capazes de masculinizar o cérebro de meninas ou afeminar o de meninos, a antiga visão do sexo como um binário condicionado pelos cromossomos XX ou XY deveria ser definitivamente abandonada (Varella, 2015)

De fato, se, por meio de estudos recentes sobre o DNA, podemos aventar que a homossexualidade é um fenômeno da natureza tão biológico quanto a heterossexualidade, somos levados a questionar a linearidade sexo-gênero-prática sexual e a concordar com Freud (1925/1976) sobre o fato de "que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto" (p. 320). Sendo

assim, como ponto final, perguntamos se não caberia incluir nessas considerações, por exemplo, o estudo do "efeito borboleta", da teoria do caos, base do pensamento complexo, o qual nos permite concluir que a unificação e a homogeneização são ilusões que excluem a liberdade e o respeito pelas diversidades e pelas heterogeneidades (Morin, Motta & Ciurana, 1990/1996).

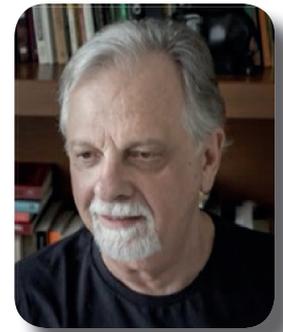
## Referências

- Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1976). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica dos sexos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Glocer Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate: Cuerpos, deseos y ficciones*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- McDougall, J. (1999). Teoria sexual e psicanálise. In P. R. Ceccarelli (Org.), *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta.
- Montagna, P., & Harris, A. (2019). *Psychoanalysis, law and society*. New York: Routledge.
- Morin, E., Motta, R., & Ciurana, E-R. (1996). *Educar para a era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos*. Lisboa: Instituto Piaget. (Trabalho original publicado em 1990).
- Varella, D. (2015, 14 de novembro). Homossexualidade e DNA. *Folha de São Paulo*.

# O workaholic e o polímata

**Júlio Campos**

Membro titular da SBPdePA.



Se alguém não souber o que é polímata, não esquente a cabeça. Há bem pouco tempo, eu também não sabia. Conheci a palavra em um livro sobre a geografia da criatividade e o autor falando de Francis Galton (1822-1911), brilhante primo de Charles Darwin, que deu ao mundo as bases das análises estatísticas, estudou a hereditariedade (inclusive psíquica), criou o termo eugenia e descobriu as impressões digitais forenses. Além de haver criado a expressão *natureza ou cultura*, foi um dos primeiros meteorologistas. A busca de Galton com a qual mais me identifico era relativa à sua teoria de que deveriam existir lugares específicos onde houvesse mulheres mais bonitas que outros. Para comprovar essa possibilidade, ficava nas esquinas das grandes cidades inglesas com uma almofada pequena e alfinetes em um bolso. Para cada mulher bonita, era espetado um alfinete. Adorei saber que uma pessoa com essa abundância de vida e de prazeres se denomina polímata e que o representante mais eminente dessa classe privilegiada de homens é Leonardo da Vinci.

Na semana seguinte, encontrei-me com o termo, antes desconhecido, por duas vezes: uma novamente no próprio livro e outra numa conferência do Voltaire Schilling na Brasileira. Essa dupla topada me trouxe uma reflexão que gostaria de compartilhar: quantas vezes pode ter me ocorrido a circunstância de eu escutar esta palavra ("esta palavra" é uma

metáfora) e não identificar sequer que a havia escutado? Todos sabemos que são variados os graus de surdez de este não escutar tendo até, como pior consequência, a não identificação nem do espaço vazio deixado pela ausência da palavra. São resultados da manipulação dos cordões do inconsciente quando os fatos selecionados pela idealização têm precedência. E são essas idealizações as responsáveis pelo aparecimento dos preconceitos na nossa mente por obrigarem o aparelho psíquico a chegar sempre às mesmas conclusões, não importando a quantidade de evidências contrárias àquela tese. O mundo é plano e terminou o assunto. O que for globo desaparecerá.

Claro que a palavra polímata, apesar de identificar um tão nobre conjunto de qualidades, é muito feia como assonância e não valeria, talvez, o esforço do lamentar por um desconhecimento. O que já não acontece com aspectos mais fundamentais da realidade, em relação à qual não podemos nos dar ao luxo de uma "desinvestigação". E aqui entra o documentário *O dilema das redes sociais*. Esse, sim, trata de um tema perigoso se não for bem entendido. E aqui vai minha primeira opinião. Acho que tudo o que foi delatado no documentário é a mais correta verdade. Até se pode considerar como mérito, pelo complicado do tema, a ausência de grandiloquências e exageros. Mas, se é uma parte revelada da realidade, por que nos produz esta sensação de perplexidade? Imagi-

no que é porque fomos educados para acreditar que nossa tendência ao amor cego e fidelidade aos nossos bancos (metáfora semelhante a "esta palavra") é retribuída, honestamente, nos mesmos níveis de dadivosidade por eles (os bancos). Fomos educados a idealizá-los e a ser dependentes deles. E não percebemos que o que chamamos amor é tão somente submissão, e nossas contas, com saldo e tudo, são vendidas sempre e quando ao banco for conveniente. O que também acontece, sem que desconfiemos, com o nosso cadastro no Netflix. Sem piedade.

Fixados esses preceitos, vamos aos detalhes. O documentário foi produzido por um conjunto de ciãos cidadãos que, arrependidos das atitudes predatórias no começo das carreiras e ansiosos pelo perdão público, reúnem-se para expor as vísceras e mazelas daquele segmento de mercado. É possível que isso valha para uns poucos ali, mas não para o "chefinho", o idealizador do filme. Ele era diretor do departamento de *design* ético do Google. Para mim, isso quer dizer o seguinte: uma empresa de água mineral adiciona níveis astronômicos de sódio na composição de seu produto. Isso ocorre porque o sal é o melhor conservante que existe e porque, como aquela água tem um gosto muito ruim, isso deve ser disfarçado. Mas os consumidores não podem saber. Mesmo. Contratam então alguém que gosta de mágica desde criança para pensar sobre o desaparecimento des-

se dado. As razões que o levaram a produzir a apresentação que o denunciou dentro da empresa, eu não posso saber (será masoquismo? Inveja do Larry Page?), mas as consequências foram evidentes: ele foi fritado, lentamente. E não só dentro do Google, mas dentro do Vale do Silício inteiro. O que significa que nunca mais trabalhará ali. Tem como alternativa, dentro da sua *expertise* e *know how*, ser político, aparecendo na foto como defensor das pobres e deprimidas vítimas do capitalismo selvagem. É o que ele (e alguns outros do documentário) estão fazendo.

Já com o "bonitão" é diferente. Ele em nenhum momento se queixa do tipo de trabalho que fa-

zia nem da falta de ética que envolvia. Embora imagine que todos sejam *workaholics*, ele é o único que o reconhece explicitamente. Também pudera. Imagine-se com uma pinta daquelas e sendo o fabricante de dinheiro do Facebook. *Quase não era paparicado*. E imagino que, como prêmio por um trabalho exemplar, foi promovido a CEO do Pinterest, uma espécie de Sir Hugh Beaver moderno (idealizador do Guinness). Tinha muita dificuldade de ir para casa e ser um marido e pai de duas crianças pequenas? Dá para entender. Aliás, tenho a teoria que as pessoas viciadas em coisas comuns (trabalho, esportes, limpeza da casa) necessitariam desenvolver suas

capacidades de polímatos e conseguir gostar de mais coisas além de trabalhar.

Um último aspecto que penso ver é a tendência ao desaparecimento dos extremismos egocêntricos, sejam empresas de capitalismo selvagem, sejam seitas religiosas ou partidos políticos de direita e de esquerda. Não desaparecerão pela "denúncia" de inadaptados (que serão sempre ejetados dos sistemas) e sim pelas inclinações abertas dos novos e espertos nativos digitais a viverem melhor com menos e a serem mais justos com os circunstâncias e com os ecossistemas. Por isso, são dois adolescentes no filme. E um deles tem muito mais chances de se dar bem na vida.

## A Psicanálise vicia?

**Thércio Andreatta Brasil**

Membro do Instituto da SBPdePA.

"Mostre-me um homem são e eu o curarei  
You're runnin and you're runnin' and you're runnin' away  
Não posso correr de mim mesmo, eu sei  
Nunca mais é tempo demais, baby, o tempo é rei"  
Gustavo Black Alien em *Carta Para Amy* (Winehouse).



Quando recebi o convite para escrever no Jornal da Brasileira sobre adições, fiquei intrigado. Sobre que adições eu deveria escrever? E ouvi a seguinte resposta, generosa e inquietante: sobre a que você quiser escrever.

O que seria para facilitar o trabalho me colocou em uma dificuldade. Pareceria óbvio pensar na clínica das adições às drogas e dependência química. Entretanto, poderia nos escapar a questão do modo de funcionar aditivo. Ou, se preferir, pensamento adicto. Outra coisa que chamou a atenção foi que alguns colegas declinaram do assunto, pois não eram "especialistas" em adições e que não há seminários específicos para isso no Instituto.

Partindo disso, ficou mais claro em não ceder à tentação que o próprio analisante coloca em cena – por que eu uso droga? Parece-me tentador ir à busca das relações causais do uso de um entorpecente e essa procura em si torna-se excitante e cheia de armadilhas. Posto que a procura de causas a que se possa culpar tende à hipertrofia de um modo de pesquisa determinista e carregada de supostos saberes, pensei em repensar. O que eu sei que seria melhor para o analisante? Qual o melhor estilo de vida, o mais saudável, o que é o "certo" a ser feito?

O risco é que, no esforço em se saber o porquê da adição, a própria análise se torne uma adi-

ção. Mira, a primeira pergunta que alguém te faz é, por que psicanálise? Por que ler Freud (ora por quê?!)? Por que, doutor, meu filho cheira cocaína? Por que ele não larga esse telefone?

Todo clínico iniciante caiu nessa tentação e respondeu. Em seguida veio a próxima pergunta, mas então por que ele faz isso? E se vai ao infinito de uma compulsão à repetição de uma satisfação inútil e causal. Aditiva. O desterro da dúvida acaba se tornando anestésico, entorpecendo. A mais refinada das drogas anestésicas para essa angústia de saber foi muito resumida como grandes máquinas teóricas por Derrida em *De que Amanhã...* (*Diálogo*):

A grande conceitualidade freudiana provavelmente foi necessária, admito. Necessária para romper com a psicologia num dado contexto da história das ciências. Mas me pergunto se esse aparelho conceitual sobreviverá por muito tempo. Talvez me engane, mas o isso, e eu, o supereu, o eu ideal, etc. – em suma, as grandes máquinas freudianas (incluindo o conceito de inconsciente!) não passam a meus olhos de armas provisórias . . . . Prefiro em Freud as análises parciais, regionais, menores, as sondagens mais aventureiras. Essas vislumbres às vezes reorganizam, pelo menos virtualmente, todo o campo do saber. É preciso, como sempre, estar disposto a se render a eles e poder lhe restituir a sua força revolucionária. Poder invencível. (Derrida & Roudinesco, 2004, pp. 206-207).

Derrida sugere que as ‘grandes máquinas’ teóricas, embora úteis e necessárias, podem funcionar como uma defesa ‘egoica’ contra o irreversível *Unheimlichkeit* próprio do Inconsciente. E eis que o perigo de fuga da turbulência emocional no calor do acontecimento (Badiou) analítico se dê em direção à teoria. Observo aí uma condição de dívida para com os grandes autores da psicanálise e de amparo neles, a fim de aplacar o vazio inerente ao contato com o novo. Como quem cede à tentação de responder uma pergunta com o uso da teoria abdica de pensar no problema emocional que caminha pela sala.

É a capacidade de se manter pensando, ou a própria vida, como diz Marília Aisenstein ao citar Hannah Arendt, que mantém

o homem livre, condição para a sensação de verdade e existência. Ao pesquisar sobre as origens das minhas próprias adições em análise, ganhei o presente da minha analista: a **origem etimológica da palavra adição** vem do latim *addictio* e *addicere*. O verbo latino significa **adjudicar a pessoa do devedor ao credor, para que este use daquela como seu escravo**, de acordo com o Dicionário Houaiss (2001).

Quiçá a cesura da questão metapsicológica esteja no fato de que é muito estimulante e precioso o seu estudo, entretanto ela necessariamente precise estar do lado de fora da sala de análise para que haja análise. O desafio se mostra gigante ao principiante no ofício de psicanalista e o paradoxo é que assim o seja para sempre.

## Notícias

### Notícias da AMI

No dia 19 de setembro de 2020, foi realizado o Simpósio da AMI – Arquetizando o futuro: Um olhar para dentro.

A ideia do simpósio de 2020 foi aumentar os ecos dos trabalhos dos membros do Instituto dentro da nossa própria sociedade. Fugir do “colonialismo” e da valorização do que é externo para olharmos para nossos pares com a apropriação material e simbólica do que estava em processo de produção e do que já havia sido exposto externamente durante o último ano para que pudéssemos entrar em contato com o estranho e a alteridade do lado de dentro – um entre o outro e nós.

Tivemos duas mesas e a participação de um grande número de membros do Instituto e da Sociedade. A primeira mesa reproduziu o ciclo vital trazendo a Gabriela Seben com o seu capítulo de livro *O obsceno da gravidez na cuba analítica*; a Luciana Z. Buseti com o caso clínico abordando *Encontros psicanalíticos virtuais com a criança*; e a Renata Camargo com o trabalho apresentado previamente em um encontro da OCAL, *O fazer psicanalítico em época de pandemia*.

A segunda mesa trouxe temáticas desacomodadoras com a Aline Silva em um trabalho inédito discutindo sobre as *Mulheres na Psicanálise*, e a dupla Juliana



Lang e Rafaela Degani abordando sobre o racismo estrutural brasileiro com o trabalho *A branquitude que nos habita*.

Um sábado, como descreveu poeticamente a colega Aline Santos e Silva, marcado pelo “espaço íntimo e afetivo de exploração do não saber”!

**Diretoria da AMI:** Camila Reinert (tesoureira), Carmen Nogueira (vice-presidente), Luciana Buseti (secretária) e Thércio Brasil (presidente da AMI).

# Centro de Atendimento Psicanalítico

**Astrid E. Müller Ribeiro**

*Membro titular da SBPdePA e Diretora do CAP.*

Depois de um primeiro semestre envolvidos com a Psicanálise Solidária, encerramos com sucesso este projeto em uma atividade científica sobre As Clínicas Públicas de Freud, na qual foi possível avaliarmos o trabalho e finalizar sua primeira etapa, passando o projeto para a coordenação da Diretoria de Relações com a Comunidade.

Em agosto, lançamos uma nova publicidade do nosso centro de atendimento, quando decidimos ilustrar com pinturas de nossos artistas brasileiros, sendo a primeira delas Menino com Pássaro, de Portinari.

Em setembro, lançamos um novo projeto para o CAP, em que elegemos trabalhar a temática so-

bre o início de tratamento, debruçando-nos sobre todas as implicações que envolvem as primeiras consultas em psicanálise em suas várias áreas da clínica. Iniciamos com a atividade: O que determina o paciente ficar ou não em análise? Em sequência, propomos realizar grupos de estudo teórico-clínico quinzenais sobre o início de análise com os analistas didatas que participaram desta mesa. A clínica do adulto, com o Dr. Leonardo Francischelli e da infância e adolescência com a Dra. Eluza Enck. O grupo sobre a clínica de casais, com a Dra. Denise Zimpek, ficará para o próximo ano.

Para 2021, seguiremos desenvolvendo grupos de estudo

teórico-clínico, alternando os colegas coordenadores e abordando diferentes áreas da psicanálise. Também teremos um ciclo de estudo teórico-clínico com convidados da nossa instituição abrangendo diferentes temas da prática clínica.

Encerramos este ano nos sentindo muito satisfeitos com o retorno positivo de nosso investimento no CAP, por meio do maior número de colegas participando do nosso Centro, número de pacientes que atendemos e que estão em atendimento.

**Comissão do CAP:** Ian Favero Nathasje e Siana Pessin Cerri.

## Diretoria de Relações com a Comunidade

**Caroline Milman**

*Membro associado da SBPdePA e Diretora de Relações com a Comunidade.*

Neste segundo semestre, nossa comissão seguiu trabalhando nas diferentes áreas, desenvolvendo e consolidando seus projetos.

Em julho e agosto, tivemos

as últimas *lives* da série Pandemia em Palavras: Medo e Transformação, respectivamente. Agradecemos a todos os (as) colegas que colaboraram com essa atividade,

que deixou um saldo muito positivo e o desejo de novas propostas de *lives* para o próximo ano.

A Área de Projetos Sociais seguiu trabalhando ativamente

### ATENDIMENTO PSICANALÍTICO



"ESTAR SÓ, MAS, NÃO SE SENTIR SÓ. UMA CONQUISTA POSSÍVEL."

**SBPA**  
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE PORTO ALEGRE

**Centro de Atendimento Psicanalítico para População Geral**  
**Agendamento pelo Fone: 51 99237 - 5510**  
HONORÁRIOS ACESSÍVEIS | ATENDIMENTO ONLINE DURANTE A PANDEMIA



numa proposta de pensar e promover reflexões sobre os espaços de atendimento psicanalítico à comunidade. Além de coordenar a reedição do projeto Psicanálise Solidária, para o qual várias colegas renovaram ou manifestaram sua disponibilidade em atender gratuitamente, participamos da atividade As Clínicas Públicas de Freud, em co-coordenação com o CAP. Também em parceria com o CAP, estivemos em uma reunião com a Diretoria de Comunidade e Cultura da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, durante a qual pudemos conhecer o trabalho desenvolvido em seu Centro de Atendimento Psicanalítico. Está prevista, para o dia nove de dezembro, uma reunião geral com todos os membros com o objetivo de refletir e avaliar os rumos de projetos solidários na Brasileira, ocasião em que também conversaremos sobre o levantamento de dados das fichas de encerramento dos atendimentos, preenchidas pelos analistas.

Em paralelo à questão do enfrentamento à pandemia por meio do Psicanálise Solidária, nossa comissão de projetos sociais também se debruçou, com apoio de toda a

Sociedade, sobre o tema do racismo. No dia 15/09, foi fundado o grupo de estudos Colonialismo, Racismo e Desigualdade com o objetivo de aprofundar o estudo dessas questões. A sistemática se dá mediante a leitura de autores clássicos e contemporâneos intercalados com a presença de convidados especializados no tema. Os encontros com convidados são abertos para todos os membros.

Com relação à Área do Interior, neste segundo semestre, foi organizada uma agenda de estudos em formato *on-line*, contemplando sugestões das cidades e a disponibilidade de colegas para a coordenação dos seminários. Estamos trabalhando, no momento, com o grupo de Santa Cruz, Erechim, Uruguaiana, Florianópolis/Camboriú e Carazinho. O trabalho da Brasileira no intercâmbio com cidades fora de Porto Alegre tem se afirmado com o passar do tempo em espaços muito férteis de troca e aprendizado recíprocos.

Sobre a Área de transmissão da psicanálise para a comunidade, seguimos, neste semestre, com dois grupos de estudos (Desenvolvimento do Bebê de 0 a 3 e Reflexões Psicanalíticas sobre a

Reprodução Assistida) e um Seminário Clínico. Em setembro, ocorreu o curso Pestes e Letras, com o professor Voltaire Schilling e, na sequência, foi lançado o segundo curso *on-line*, cujo tema foi Trauma. Esta temática foi abordada a partir dos seguintes vértices: gênese e evolução do conceito, agonias precoces, alienação transgeracional, ressentimento e elaboração. O curso obteve um numeroso grupo de inscitos, composto por pessoas do exterior e de todo o território nacional.

E para fechar este semestre, nossa diretoria integrou a organização da confraternização de final de ano a qual batizamos de Juntos e Conectados. Pensamos que esse nome procura refletir o saldo de um ano muito atípico, mas que, apesar de todas as contingências, manteve nossa chama institucional vitalizada e nossos vínculos ativos.

Um grande abraço a todos(as) os(as) colegas, desejando que sigam bem e com saúde!

**Comissão de Relações com a Comunidade:** Carmen Nogueira, Giuliana Chiapin, Helena Surreaux, Janine Severo, Léia Klochner, Sandra Fagundes e Siana Pessin.

## Diretoria Científica

### **Christiane Paixão**

*Membro titular da SBPdePA e Diretora Científica.*

*Tolerar viver em desequilíbrio permanente  
é uma das riquezas da vida.  
Viver como acrobatas desfrutando disso.  
Janine Puget- Fepal/2020.*



O ano de 2020 revelou a existência de um vírus capaz de desestabilizar e pôr em risco a vida humana. Elemento aparentemente natural, no entanto, muitos

acreditam que o surgimento desse vírus se deve à ação dos seres humanos interferindo no ritmo da Terra. Reconhecer isso mostra a complexidade do momento que

vivemos, exigindo soluções para assegurar a manutenção da vida como um todo.

Se a pandemia trouxe uma perda radical, também ofereceu

a possibilidade de novos encontros. A comissão científica formada pelas queridas e criativas colegas Kellen Anchieta, Magda Walz, Rafaela Degani e Renata Manica buscou, ao longo do ano, criar momentos de encontro científico mesclados com afeto e disposição para o debate de ideias.

As Rodas de Conversa *on-line* trouxeram um grande público, comunicando colegas do interior com outros de fora do estado e até do exterior, diminuindo as distâncias geográficas e aproximando-nos por meio do interesse pela psicanálise. Além dessas atividades, realizamos as Sextas Científicas, a Roda Literária da Brasilei-

ra, com o inédito lançamento de livros *on-line*, a interlocução da Psicanálise com a arte, com convidados de outras áreas, marcando a pluralidade do saber e enriquecendo nossas atividades.

A rede invisível que liga os diferentes grupos e núcleos da Sociedade com o científico e a comunidade realizou eventos em parceria fortalecendo os laços institucionais. Assim, o destaque para a Roda Viva com a Janine Puget e Julio Moreno em um trabalho conjunto com o Grupo de Vínculos. Evento histórico, tendo em vista ter sido a última participação da Janine Puget em nossa casa. Outro destaque foi o evento comemorativo pela aprovação

da Formação Integrada pela IPA, que reuniu o NIA, o Instituto e um grupo experiente de colegas no atendimento de crianças e adolescentes.

Por fim, o nosso agradecimento a todos vocês que estiveram presentes em nossas atividades neste ano difícil e exigente que estamos vivendo.

Desejamos que 2021 traga a tão esperada vacina para que os nossos encontros sejam também tridimensionais, com cheiros e abraços!

Forte abraço!

**Comissão Científica:** Kellen G. Anchieta, Magda Walz, Rafaela Degani e Renata Manica.

## Diretoria de Divulgação

**Tamara Barcellos Jansen Ferreira**

*Membro associado da SBPdePA e Diretora de Divulgação.*



Chegando ao segundo semestre deste ano tão atípico, viemos dar notícias em relação à divulgação da nossa Brasileira. Nossa agenda foi movimentadíssima, o que já demonstra que, apesar dos tempos complexos, tivemos muito em que pensar.

Houve eventos científicos direcionados ao público psi, bem como atividades criativas e com temáticas da atualidade direcionadas à comunidade em geral. Rodas de conversa, sextas científicas, *lives*, encontros com colegas do interior do RS e de Santa Catarina, atividades de núcleos específicos (Núcleo de Infância e Adolescência, Núcleo de Vínculos, grupo de estudo sobre fertilidade e reprodução, etc.), espaços de

discussão propiciados pelas diferentes diretorias da SBPdePA.

Assim, cada vez mais, somos guiados a investir em estrutura e aprendizado sobre tecnologia e comunicação. Para esse fim, estamos trabalhando ativamente na contratação de assessoria na área publicitária. Essa escolha está baseada nas ideias e sugestões colhidas no questionário que realizamos no primeiro semestre. Buscamos contemplar também as solicitações dos membros da Brasileira como um todo. Junto a isto, estão sendo realizadas várias adequações da estrutura tecnológica para viabilizar e facilitar o acesso durante esta situação tão especial de atividades exclusivamente *on-line*.

Nosso canal do YouTube está cada vez mais fortalecido e recheado de gravações de nossas atividades. Tivemos um crescimento de mais 100% dos inscritos. Nosso Instagram tem aumentado em número de seguidores diariamente, dando-nos a certeza de que esse é o meio de contato mais estabelecido na atualidade. Desta feita, convidamos todos a se inscreverem no nosso canal do **YouTube**: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre; no **Instagram**: <https://www.instagram.com/sbpdepa> e no **Facebook**: <https://www.facebook.com/brasileirasociedade/>. É importante ativar as notificações, pois assim todos podem ficar a par de cada nova postagem. Solicitamos também que

as publicações sejam compartilhadas com seus contatos, divulgando ainda mais as atividades de nossa instituição e a própria psicanálise.

Reflexo destes tempos, a equipe de divulgação, além de divulgar estimulantes eventos científicos e culturais, teve também a dolorosa incumbência de anunciar a perda de colegas: Nelson Langer dos Santos, membro associado, José Luiz Petrucci, membro titular e fundador da SBPdePA, e Simone S. Donicht, membro do Instituto. Ficamos

todos consternados. Eram colegas muito queridos, estudiosos da psicanálise e que muito contribuíram para a Brasileira. Petrucci nos acompanhou no lançamento do projeto "Inspirações à Brasileira", encaminhando-nos uma tela pintada por ele, que esteve presente em nossa primeira postagem. Era nosso grande incentivador, como psicanalista criativo que era.

Por fim, seguimos convidando a todos os colegas que enviem contribuições para o Inspirações. Vale texto, poesia ou imagens cria-

tivas (fotos, telas, desenhos). Solidificamos que o tamanho dos textos seja em torno de 500 caracteres, já que serão publicados em redes sociais. Acreditamos que esse projeto poético e afetivo nos ajude a simbolizar este difícil ano de 2020. Recheio de palavras o inexplicável é ligação de vida em um período de tanto desligamento.

#### **Comissão de Divulgação:**

Aline Santos e Silva, Fabiana Brito Grass, Gabriela Seben, Juliana Lang Lima e Nora Helena Steffen.

## **Grupo de Estudos Colonialismo, Racismo e Desigualdade**

A Diretoria de Relações com a Comunidade, a partir da comissão de projetos sociais, iniciou em 15/09/2020 o grupo de estudos sobre colonialismo, racismo e desigualdade.

O objetivo de proporcionar esse estudo sistemático dentro de nossa sociedade visa a compreensão, o combate e a reversão do racismo, entendendo que para isso se faz necessário o aprofundamento do tema, bem como a criação de um espaço para o diálogo e a discussão entre os membros. A sistemática de estudo se dá por meio da leitura de autores clássicos e contemporâneos e a presença de convidados especializados no tema.

A construção de sua logomarca foi pensada de forma que representasse a proposta do gru-

po. Foi criada pela artista visual Mitti Mendonça a partir do ideograma do povo Akan, de Gana e Costa do Marfim, chamado de Sankofa, cujos símbolos são um pássaro e um coração estilizados. O pássaro sempre olha para trás e anda para frente simbolizando que, para construir um futuro melhor, é preciso conhecer o passado.

Os encontros são quinzenais em plataforma *on-line*. Nos encontros em que o grupo recebe convidados, o espaço é aberto para todos os membros da sociedade.

Atualmente, o grupo conta com 14 participantes que constituem um grupo de WhatsApp, espaço em que ocorrem trocas

de informações, referências e combinações.

Neste semestre, houve a participação dos convidados(a)s: Wania Cidade (SBPRJ), Ignácio Paim Filho (SBPdePA), Maria de Lourdes Teodoro (UNB, SPBsb) e Miriam Alves (UFPEL, UFRGS, E'LEÉKO).

#### **Grupo de Estudos Colonialismo, Racismo e Desigualdade:**

Aline Santos, Augusta Gerchmann, Fernando Kunzler, Gabriela Seben, Ian Nathasje, Juliana Lang, Luciana Zamboni, Marcela Pohlmann, Marcelo Pinheiro, Rafaela Degani, Thércio Brasil, Sandra Fagundes, Janine Severo e Leonardo Francischelli.



# Palavras (pérolas) sobre Janine Puget

**Rosa Aizemberg Avritchir**

*Membro associado da SBPdePA e Coordenadora do Núcleo de Vínculos.*

*“Registrar palabras, no para explicarle a los pacientes lo que les pasa, sino para ayudarlos a descubrir el placer de pensar juntos”, Janine Puget. (Supervisión de Clínica Vincular-Magister de Psicoanálisis de Pareja y familia – IUSAM de APDEBA, Argentina, agosto de 2016).*

Falar de Janine Puget é falar de uma parte da história do Núcleo de Vínculos da SBPdePA, pois desde o início, por volta de 2000, inspiramo-nos em suas teorias para dar conta da diversa clínica psicanalítica de casais e famílias. Nós a acompanhamos e por ela somos acompanhados, a distância e em presença, há tantos anos.

Um pouquinho de sua biografia...

Janine Puget é médica e psicanalista argentina nascida na França em 1926. Ainda jovem, migrou para a Argentina onde se casou com Diego García Reinoso, também psicanalista. Separaram-se quando ela tinha em torno de 30 anos. Janine teve um filho, chamado Pablo, que lhe deu dois netos homens. Iniciou sua experiência profissional na clínica de Pichón Rivière. Em 1954, fundou a Associação Argentina de Psicologia e Psicoterapia de Grupo e, concomitantemente, iniciou a formação psicanalítica na APA, exercendo uma etapa mais institucional, chegando à didata e integrante da comissão diretiva.

Nos anos 70, Janine encontrou um grande amor: Enrique Aisiks, engenheiro, com quem ficou casada 26 anos, até ficar viúva. Em 1979, transferiu-se para APdeBA, onde fundou o mestrado em família e casal no

IUSAM, tornando-se codiretora do Mestrado de Família e Casal com Berenstein, colega com quem teve uma parceria de 30 anos de produção científica.

Vínculo, para Janine, tem um sentido que remete ao espaço entre dois. O vincular não é pensado desde o especular, mas como uma produção entre



*Dra. Janine Puget*

sujeitos. Existe um espaço que não está ao alcance do eu e que o outro, por mais conhecido que seja, sempre terá uma faceta não conhecida que surpreende e impõe incerteza, gerando angústia e conflito. Essa condição nos coloca em um trabalho de vínculo, ou melhor, na elaboração psíquica para o reconhecimento da alteridade e da *ajenidad*, impostas pela

presença do outro, que de certa forma sempre ultrapassa a representação que se possa ter dele, dada a diferença “radical”, natural à coexistência de dois sujeitos. Isto nos prova e nos reduz o efeito de semelhança. Ela afirma que vínculo com o outro pode introduzir uma modificação não antecipável, não prevista na série de registros prévios, e produzir um trabalho psíquico e novas subjetividades. Janine também sempre se mostrava atenta a como o discurso sociopolítico latino-americano poderia contaminar, imprimir nas relações institucionais e no diálogo entre paciente e analista.

Em qualquer encontro com Janine, sempre havia uma expectativa sobre qual *pérola* nos deixaria, ou seja, qual ensinamento, ou ainda um efeito de presença tão precioso que suas palavras ficariam ecoando por algum tempo dentro de nós.

Janine, além de ser uma referência científica para o Núcleo de Vínculos da Brasileira, era uma mestra, uma amiga e uma analista. Sentiremos muitas saudades!!!

**Grupo de Vínculos:** Ana Rosa Trachtenberg, Ângela Piva, Astrid Ribeiro, Cynara Kopittke, Denise Zimpek, Heloísa Zimmermann, Patricia Goldfeld, Paulo Picarelli e Vera Mello.

# Notícias do Instituto

**Silvia Brandão Skowronsky**

Membro titular didata da SBPdePA. Diretora do Instituto da SBPdePA.



As urgências nos fazem temerários e abrem caminhos para pensar, mesmo que *a posteriori*, sobre essas experiências, inéditas e desconcertantes que nos desafiaram neste ano de pandemia em 2020. Somadas às nossas já conhecidas e inquietantes estranhezas: a morte (com a exclusão da vida, a finitude com o transitório e a experiência com a perda), o sofrimento (com a exclusão da tranquilidade de ser e estar no mundo), a loucura (com exclusão da confiança e dos afetos, a alienação, a infelicidade do sofrimento na doença), a pobreza (com a exclusão social), a ignorância (com a exclusão do saber, do conhecimento para pensar) e o poder (com a exclusão de direitos, imposto pelo jogo de interesses escusos) compõem nossas humanas perspectivas problemáticas.

Quando recobrimos o viver com a linguagem, passamos a existir, pois é possível partilhar esse campo singular próprio de um sujeito psíquico e sujeito do inconsciente, envolvido com as leis da cultura, valores, transmissões, gerações, para incluir-se nesse campo simbólico de um sujeito da cultura. Importante posse e abertura para imaginação na gratificante experiência em partilhar a condição humana.

Mas quais significados serão partilháveis? Esse é o paradoxo

humano. Tudo que é partilhável supõe uma significação singular e subjetiva, ou seja, uma autoria depende da elaboração pessoal de pensar uma opinião, um posicionamento, só então a possibilidade de partilhar. Tanto o pensamento como o amor pela Psicanálise.

Perguntar inaugura um espanto, é a insolência da curiosidade abrindo lugar para criar-atividade. Resulta numa invenção, e isto é novo, um espaço para criar articula fundamentais diferenças, cria uma linguagem que não se apoia em certezas e verdades, mesmo as teóricas. Esses são fortes argumentos para indagar o caminho. Para partilhar a Psicanálise, vale a mesma lógica.

Quando padecemos de ignorância, pedimos a alguém: ensina-me. Quando dói demais uma dor que não sabemos estancar pedimos a alguém: cura-me.

Kristeva, em *Histórias de Amor*, lembra que "O amor de transferência, que mobiliza a atitude para a idealização no mesmo coração do desejo e do ódio, é o único que permite entrever o relevo das feridas narcisistas. Necessita da atitude do analista sem sugestões ideológicas, morais ou partidárias [também eu incluiria: sem sugestões teóricas]. Precisa da simples escuta amorosamente...

distraída. Pois..." a transferência, como o amor, é um verdadeiro processo de auto-organização, comparável ao que as modernas teorias chamam na lógica e na biologia de Sistemas Abertos... "Assim, a psicanálise não inaugura um novo código amoroso, . . . marca o fim dos códigos, mas também a permanência do amor como construtor de espaços de palavras. A cura psicanalítica continua alimentando-se do amor que transcende as incertezas dos Amores".

Em nossa experiência concreta no viver, não é possível significar tudo ou mesmo recobrir tudo com a linguagem. Ainda assim, é possível a felicidade de pensar. Enfrentando, obstinados, nossas misérias, encontraremos possibilidades para construir. O impossível é não pensar. Pior ainda é não lutar por transformações. Imprescindível é o desejo, pois articula a arte de viabilizar sonhos, linguagens e encontros transformadores.

**Instituto da SBPdePA:** Lígia Leite (secretária), Patricia Goldfeld (coordenadora da Comissão de Seminários), Laura Ward da Rosa (coordenadora da Comissão de Formação) e César Antunes (coordenador da Comissão de Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência).

# Movimentos da SBPdePA em 2020

## Mudanças de categoria

A SBPdePA informa que a Dra. Patricia Goldfeld, a Dra. Sílvia Katz, a Dra. Denise Zimpek T. Pereira e a Dra. Rosa Beatriz Santoro Squeff passaram de membro associado a membro titular. A Dra. Vera Hartmann passou de membro convidado a membro associado. E os membros do Instituto Fábio Corsetti, Paula Esteves Daudt Sarmento Leite,

Renata Bulhões de Carvalho Britto e Rodrigo Boettcher tornaram-se membros associados.

## Novos membros do Instituto

Ingressaram no Instituto de Psicanálise da SBPdePA em 2020:

**Primeiro semestre:** André Krieger Busato, Carmen Scherer, Caroline Ribeiro, Cristiane Felix Schindwein, Gustavo Gazzana

Flores, Ian Favero Nathasje, Luciene Menegaz Beckenkamp, Mônica de Assis Cabrera, Renata Camargo da Silva, Vera Regina S. Viuniski e Vlândia Zenkner Schmidt.

**Segundo semestre:** Elise Santos Peres, Júlio Cesar Sperb da Rocha, Leniara Dalpiás Teixeira, Livia Gomes Ferreira e Roberta P. Loureiro da Silva Breda.

## Notícias do Núcleo de Infância e Adolescência (NIA)

### Aline Pinto da Silva

*Membro associado e Coordenadora do NIA.*



Nos últimos meses, o Núcleo da Infância e Adolescência (NIA) trabalhou bastante. Com empenho e coragem, realizou sua primeira *live* internacional com as psicólogas Martha Jordán-Quintero, da Colômbia, e Eluza Enck, da própria Sociedade. A atividade "Setting digital na infância e adolescência" foi um sucesso em todos os sentidos, iniciando pela lotação esgotada. Ambas as convidadas compartilharam com o público

sua experiência e base teórica com clareza, consistência e afeto.

O retorno do Café com NIA, atividade voltada ao público interno da Sociedade com o intuito de discutir teoria e clínica nas áreas da infância, adolescência e família, foi muito bem-vindo. Neste ano, o núcleo decidiu fazer a atividade com frequência quinzenal e, sempre que possível, trazer convidados para contribuírem mais particularmente sobre

suas áreas de atuação. As presenças de Júlio Campos, Cynara Kopittke, Arthur Saute e Eluza Enck abrilhantaram os encontros em que participaram. O Café tem ampliado o público e mantido o clima leve e descontraído mesmo com temas frequentemente densos.

Além disso, em 21 de outubro, tivemos uma comemoração muito especial! Brindamos junto com toda nossa Sociedade a aprovação da Formação Integrada

em Infância e Adolescência autorizada pela IPA.

Destaca-se que a formação integrada foi uma conquista muito importante e fruto de um longo processo em que vários

membros da Sociedade e do Instituto juntaram esforços, sempre contando com o apoio de vários membros da IPA, principalmente nossa própria presidente.

**Equipe NIA:** Adriana Ampezzan, Aline Santos Silva, Heloísa Zimmermann, Kellen Gurgel Anchieta e Marlise Albuquerque.

## Crônica

# Supereu, o super golpista

**Celso Gutfreind**

*Membro titular com funções didáticas da SBPdePA e escritor.*



O tio Arão já era velho, mas ainda dirigia. Por isso, estava sujeito aos problemas comuns de quem o fazia, no Rio de Janeiro, naquela década. Um deles era o golpe do sequestro. Os golpistas roubavam o carro, descobriam o telefone da vítima e depois a extorquiam para um resgate. Era comum pagar. Era comum reaver. Considerava-se melhor do que acionar um seguro (que nem se fazia) ou mesmo perder o carro.

O Chevette do tio Arão foi roubado na Rua Tonelero, em Copacabana, onde havia um bingo que ele muito apreciava. Pouco tempo depois, já em casa, chegou o telefonema aguardado. Excelente negociante, o que atribuía aos tempos da "Guerra", tio Arão chegou a um ótimo preço com o golpista; o problema era operacionalizar o pagamento e a devolução.

O impasse estava na cronologia. Os ladrões pediam primeiro o dinheiro, a ser entregue na Lapa, entre uma banca de revistas e uma farmácia.

O tio Arão exigia que primeiro fosse entregue o carro, na Rua Tonelero, no mesmo lugar onde havia sido levado. Parecia-lhe mais lógico e, sobretudo, mais justo. Então, chegou a parte mais importante daquele diálogo negocial:

— Que garantia temos de que o senhor vai pagar?

— Total – rebateu o tio Arão. E argumentou:

— Eu sou honesto, vocês é que são ladrrrrrões.

Convenceu os larápios. Tudo ocorreu conforme o acertado, e até hoje me sirvo dessa história aberta para diferentes situações que insistem em nos restringir. Atualmente, ela me representa na clínica. Volta e meia, vivemos impasses como esse. Nossos analisandos mostram-se borrifados por projeções e padecem de identificações alienantes, intergeracionais. O trabalho analítico é devolver a neurose a seus

donos. Eles não são exatamente golpistas, são apenas neuróticos com a tendência de colocar no outro o que é seu.

O diabo é o supereu, advindo em geral das mesmas relações que, na origem, costumam ser parentais. O supereu não deixa devolver. Ele é um grande golpista, repetitivo, renitente, com artimanhas que ladrão nenhum ousaria propor. Neste sentido, o nosso desafio é muito maior do que o tio da Arão. Demanda tempo largo, firmeza de "guerra", mas com negociação em longo prazo. Trabalho lento e árduo para, um dia, abrir mão de um ideal.

Quando, finalmente, somos bem-sucedidos, vivemos aquela epifania de ver uma neurose devolvida a quem lhe é de direito, abrindo espaços para que o sujeito deva ou possa ser mais ele mesmo.

Ser si mesmo, num amor, num trabalho ou em qualquer evento da vida evoca um prazer enorme, comparável até mesmo a recuperar o seu Chevette.

Só mais um. Amanhã eu paro..

